

Sala de aula invertida e tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de libras como L2 para ouvintes¹

Flipped classroom and digital technologies in teaching and learning libras as L2 for listeners

Vanessa da Silva Vargas

Universidade Federal do Pampa

Camila Gonçalves dos Santos do Canto

Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente estudo é um recorte da dissertação de mestrado da autora a qual buscou discutir a implementação da sala de aula invertida (SAI), mediada pelo uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), no contexto do ensino de libras como L2 para ouvintes. Um questionário com cinco perguntas abertas foi aplicado após o término da implementação da SAI em uma turma de curso normal, ensino médio, que funcionou de forma híbrida durante o período pandêmico e os resultados apontam que o uso da metodologia ativa supracitada, potencializado pelas tecnologias digitais da informação e comunicação, apresentou vantagens referentes ao dinamismo e a organização dos alunos quanto à sua própria disponibilidade e interesse, possibilitando o desenvolvimento da autonomia no aprendizado de libras como L2 para ouvintes.

Palavras-chave: Sala de aula invertida; Tecnologias digitais; Libras como L2 para ouvintes

Abstract: The present study is an excerpt from the author's master's dissertation, which sought to discuss the implementation of the inverted classroom, mediated by the use of digital technologies, in the context of teaching libras as an L2 for listeners. A questionnaire with five open questions was applied after the implementation and the results indicate that the use of the inverted classroom, enhanced by digital technologies, presented advantages such as the dynamism and the organization of the students regarding their own availability and interest, enabling the development of autonomy in learning libras as a L2 for listeners.

Keywords: Flipped lassroom; Digital technologies; Libras as L2 for listeners

¹ O trabalho apresenta um recorte dos resultados da dissertação de mestrado da autora, a qual foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa. O trabalho na íntegra pode ser acessado em Defesas 2022 | Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas (unipampa.edu.br).

Introdução

A pesquisa apresentada aqui tem a finalidade de difundir o ensino de Libras para pessoas ouvintes, através de Metodologias Ativas que permitam o uso real da língua, oportunizando o conhecimento da Cultura Surda e inserindo a língua nos espaços diários através de uma abordagem comunicativa.

A sociedade atual vive grandes transformações diárias, a sala de aula também. Como lembra Moran (2015), educar é um processo complexo. A inclusão nas salas de aula acontece diariamente e o direito adquirido dos surdos, de serem linguisticamente diferentes e respeitados passou a ser mais visível aos olhos dos ouvintes, quando em 24 de abril de 2002 foi sancionada a Lei 10.436, conhecida como Lei da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), que a reconhece como forma de comunicação e expressão dos surdos brasileiros.

A partir do Decreto 5626/2005 o ensino de Libras tornou-se obrigatório nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia. Como obra de acesso à língua para ouvintes, surge em 1993 o livro *Libras em Contexto*, de Tanya Felipe. Tal obra vem sendo usada até os dias de hoje como norteadora do ensino de Libras para ouvintes. Ela conta com um livro do professor, um livro do aluno e DVDs que trazem instruções em libras para os exercícios e também cenas comuns ao cotidiano dos surdos. Nesta obra, já é possível perceber a aparição tímida do ensino híbrido e uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que misturava diferentes maneiras de passar o conhecimento. De acordo com Moran (2015, p. 27) “A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos.” Pois para ensinar línguas de sinais, não seria diferente. A obra de Felipe conta não apenas com o material impresso, mas também com vídeos, distribuídos em DVDs que trazem situações cotidianas que permitem a percepção do uso da língua inserida em práticas diárias e não apenas em reprodução sistemática de vocabulário. [...] Acredita-se que os vídeos são excelentes recursos didáticos, para serem utilizados tanto na modalidade presencial como na modalidade a distância. Entretanto, apenas vídeos de elementos lexicais, que reproduzem a experiência das antigas cartilhas impressas, as quais apresentavam o desenho do sinal com seu significado, não possibilitariam a imersão em práticas sociais de linguagem (LEBEDEFF; SANTOS, 2014, p.1074).

Com o advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) a educação brasileira vivencia um grande processo de reflexão sobre as práticas de ensino de línguas no contexto escolar. Debalde e Golfeto (2015) apontam que o espaço da sala de aula mudou, bem como os ambientes de aprendizagem. Espaços virtuais, presenciais e híbridos se unem em prol de um único objetivo: a construção do conhecimento. Ainda segundo os autores, a prática docente precisou ser transformada.

O contexto de mudanças do processo de ensinagem, mais especificamente, do ensino de línguas é também abordado pela BNCC (BRASIL, 2018). O documento aponta que se faz necessário propiciar práticas de ensino a partir de uma abordagem integrada das linguagens, de forma que os estudantes possam vivenciar experiências significativas a partir do uso das novas tecnologias

e diferentes mídias situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos (BRASIL, 2018, p. 500).

Levando em conta este grande cenário de transformação em que os processos de ensino precisam ser repensados, e aqui olhando especificamente para a aprendizagem de Libras como L2 por ouvintes, este trabalho apresenta um recorte dos resultados obtidos pela autora em sua dissertação de mestrado, a qual proporcionou uma experiência de aprendizagem para seus alunos, aprendizes de Libras como L2, a partir de uma metodologia que ganha cada vez mais o seu espaço nas práticas educativas: a Sala de Aula Invertida (SAI). Sendo assim, a questão norteadora da pesquisa foi: Como ensinar Libras para alunos ouvintes do Curso Normal – Nível Médio – mediado pelas TDIC, a partir do uso de Metodologias Ativas, mais especificamente, com a Sala de Aula Invertida? Neste artigo é feito um recorte dos resultados obtidos focando mais especificamente no olhar dos alunos sobre a aprendizagem de Libras por meio da Sala de aula Invertida potencializada pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Na intenção de apresentar ao leitor a temática que envolve o nosso objeto de estudo, bem como os caminhos metodológicos percorridos, este artigo está dividido em seis seções, além desta introdução e das considerações finais: (1) Língua Brasileira de Sinais: um breve histórico; (2) Ensino de Libras para ouvintes e Metodologias Ativas: alguns estudos; (3) Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; (4) Invertendo a forma de ensinar; (5) Metodologia usada e processo de ensino e (6) Além da sala de aula: o olhar dos alunos sobre a aprendizagem de Libras por meio da SAI.

Língua Brasileira de Sinais: um breve histórico

Para falar em Língua de Sinais, é preciso falar sobre o sujeito surdo e o tratamento que ele recebeu ao longo dos tempos. É possível encontrar, na literatura em geral, várias atrocidades cometidas com os surdos desde as mais antigas civilizações. Na Idade Média, a Igreja Católica também discriminou os surdos, pois ao crer que o ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus, acabava deixando-os à margem. E por séculos, essas pessoas sofreram discriminações. Somente a partir do século XVI os surdos passam a ser vistos como humanos e capazes. Um dos primeiros educadores que se tem registros no ocidente é o italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), médico, matemático, astrólogo e pai de um filho surdo.

No Brasil, a Língua de sinais começa durante o Segundo Império, quando o Imperador, Dom Pedro II recebe o francês Ernest Huet para fundar uma escola para surdos, já que o educador era um ex-aluno do Instituto de Paris e àquela época, era comum que pessoas que tivessem estudado em institutos europeus fossem chamadas para auxiliar na criação de estabelecimentos de educação. Segundo Soares (2015), o interesse de Dom Pedro II na educação dos surdos brasileiros estaria diretamente ligado a um parente próximo, talvez o neto, filho da Princesa Isabel e do Conde D'Eu, parcialmente surdo.

Huet trouxe sua experiência e conhecimento para fundar o então Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos, em 1856. Em 1857 a instituição passou a se chamar Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. O ex-aluno do Instituto de Paris organizou junto com o alfabeto e a língua francesa de sinais, os gestos utilizados no Brasil, dando início à Língua Brasileira de Sinais. O Instituto usava inicialmente, somente língua de sinais e curiosamente, recebia apenas alunos do sexo masculino, apesar de aceitar meninas, em regime de externato.

Porém, em 1880, durante o Congresso de Milão as línguas de sinais sofrem um duro golpe, durante os sete dias em que os educadores debateram o tema da educação dos surdos, ficou resolvido que as instruções por meio das línguas de sinais deveriam ser banidas das escolas, bem como o bimodalismo, que usava a língua oral em conjunto com a gestual.

Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro. Do total de 164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 eram oralistas italianos; assim, havia 74% de oralistas da França e da Itália. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Os únicos países contra a proibição eram os Estados Unidos e Grã Bretanha, havia professores surdos também, mas 22 as suas “vozes” não foram ouvidas e excluídas de seus direitos de votarem. (STROBEL, 2009, p. 33).

A nova orientação era clara: usar somente a oralidade. Foi a partir de então, que de acordo com Skliar (2005), ficou estabelecida a legitimação do ouvir e do falar.

No Brasil, o Instituto adotou o Oralismo em 1911, seguindo a tendência mundial e convicção de um de seus profissionais, Dr. Menezes Vieira, conforme relata Soares (2015) de que era inútil alfabetizar surdos em um país de analfabetos e que a fala seria o único meio de inseri-los na sociedade. Por anos os surdos foram submetidos a testes para verificar sua inteligência e aptidão para oralização.

Com o processo de inclusão, advindo da Lei 13.146/15, foi assegurado “[...] promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania [...]” (Brasil, 2015). Dentro dessa amplitude de deficiências, encontra-se o surdo que deve ter suas condições de igualdade preservadas além de exercer seus direitos, como o de aprender Libras como língua materna, por exemplo.

Além do processo da inclusão social, há para o surdo, a barreira linguística que interfere nas relações familiares e no desenvolvimento da aprendizagem da língua materna, que se dá, inúmeras vezes, somente quando a criança é inserida no ambiente escolar. A Libras, língua dos surdos brasileiros, foi reconhecida através da Lei 10.436/02, é ela quem garante ao surdo o direito linguístico de acesso aos conhecimentos em sua língua materna.

Ensino de Libras para ouvintes e Metodologias Ativas: alguns estudos

Com o objetivo de buscar informações acerca do ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para ouvintes e observar através de análise documental, quais metodologias vêm sendo implantadas, iniciou-se, em 2020, uma pesquisa no Portal de Periódicos da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), inserido no campo de busca o descritor “Libras para ouvintes”. As publicações selecionadas ficaram entre 2002 (ano que oficializa a Lei 10.436/2002, conhecida como Lei da Libras, que torna oficial a língua no Brasil) e 2020. Na primeira pesquisa, retornaram 81 resultados que apontavam para o descritor Libras, porém, após a leitura dos resumos, observou-se que não foram encontrados documentos que satisfizessem o questionamento, visto que os periódicos abordavam a aprendizagem de surdos, de surdos bilíngues ou aspectos relevantes à atuação e do desenvolvimento do papel do tradutor/intérprete. Por isso, a pesquisa se estendeu ao Google Acadêmico e ao Scielo. A primeira busca, usando os mesmos descritores, trouxe alguns trabalhos de várias espécies, entre eles, um material de apoio do curso de Letras/Libras da UFSC (o primeiro desse segmento no país). A partir desta obra de Audrei Gesser, intitulada Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2, o levantamento das informações passa a se concretizar. Na sequência das buscas e leituras ampliou-se os descritores para “Metodologias ativas e ensino de Libras” e “Libras como L2 para ouvintes”. Assim, foi possível contar com mais alguns materiais interessantes e que ampliaram as leituras.

Silva (2019) traz em seu artigo A cognição e seus princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes: orientações a professores iniciantes muitos esclarecimentos sobre o processo cognitivo de aprendizagem da Libras como L2 por ouvintes. O tema, apesar de relevante, sobretudo para auxiliar no processo de desenvolvimento do material autoral, não está diretamente ligado à busca atual, que objetiva refletir sobre a existência de materiais didáticos voltados a aprendizagem da língua.

Existem estudos voltados a comparativos entre obras, como o artigo de Silva (2012) que comenta os livros: Coleção aprendendo LSB (PIMENTA, 2004), Libras em contexto (FELIPE, 1997) e Curso de Libras (PIMENTA; QUADROS, 2006) ao longo do texto pode-se observar vantagens do uso dos materiais, como o suporte linguístico, que dá mais leveza ao trabalho desenvolvido pelo docente e as desvantagens, como por exemplo a impossibilidade de trazer particularidades do idioma como o regionalismo, visto que as obras utilizadas provém de uma outra região do país - cabe saltar que a autora está no Sul, enquanto grande parte das obras é produzida no Sudeste.

Foi possível encontrar, entre outros, artigos relacionados à importância da aprendizagem de Libras dentro dos cursos de formação de professores, visando o processo de inclusão nas escolas em que futuramente atuarão esses profissionais. Contudo, sobre o uso de metodologias ativas para esse fim, de ensinar uma língua visuo-espacial para ouvintes, habituados a usarem a língua oral, vimos ainda maior escassez. Relatos como o de Neves (2011) falam sobre a experiência positiva do uso de vídeos, descrevendo através de seu estudo a evolução na desenvoltura dos alunos após o uso desse recurso visual que procura exercitar um aspecto considerado fundamental nas línguas de sinais: a expressão.

O uso de vídeos também já foi objeto de relatos de Lebedeff e Santos (2014), utilizado como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs) com foco na abordagem comunicativa, procurando se distanciar do mero sinalário e também, como Ensino Baseado em Tarefas, por Lebedeff e Fachinello (2018) propondo a produção de curta-metragens de autoria dos alunos ouvintes que se distanciem da mera lista de sinais.

Quanto ao tema das metodologias ativas voltado ao ensino de línguas, foi possível observar a dissertação de Tavares (2020), que propõe o uso da Sala de Aula Invertida para o ensino de inglês, com ênfase no letramento crítico. A proposta dela inclui também o uso das TDIC, visto que as aulas presenciais no referido ano estavam totalmente suspensas em função da pandemia da COVID-19. Esta obra, ainda que voltada para a língua oral, abre possibilidade de novos caminhos para o desenvolvimento das metodologias ativas dentro do ensino de línguas.

Metodologias ativas e tecnologias digitais

A cultura digital que já vinha invadindo cada vez mais a sala de aula, tornou-se uma constante e todos (alunos e professores) precisaram se adaptar a competências para as quais não foram preparados, e por isso, o uso das metodologias ativas apoiadas nas tecnologias digitais da informação e comunicação, as TDIC, se fizeram tão importantes, sobretudo neste momento de incertezas, em que é preciso oferecer condições de aprendizagem concretas aos nossos alunos.

A aprendizagem ativa, em que o aluno está engajado em seu conhecimento, aliada aos artefatos tecnológicos pode vir a potencializar as práticas educativas. A aprendizagem através das metodologias ativas dá maior ênfase ao protagonismo do aluno, que por sua vez pode se utilizar de ferramentas e/ou momentos híbridos que trarão maior sucesso as suas experiências.

Quando os alunos conseguem ver sentido naquelas atividades que propomos, elas tornam-se mais significativas e as escolhas feitas pelo professor podem auxiliar nesse processo. O acesso às tecnologias digitais, aliado às competências digitais e tecnológicas também colaboram de forma positiva e motivadora, visto que atualmente já não é mais possível educar alunos do século XXI sem estar conectado. Assim como o mundo, altamente ativo e híbrido a sala de aula também deve acompanhar essa evolução. As tecnologias digitais tendem a facilitar a aprendizagem colaborativa em que o ensino deixa de estar centralizado no professor. Os conhecimentos tecnológicos são tão importantes que, de acordo com Bacich e Moran (2018 p. 11) “Um aluno não conectado e sem domínio digital perde chances de se informar, acessar materiais ricos [...] publicar suas ideias [...]”.

A combinação de metodologias ativas e tecnologias é uma inovação pedagógica que amplia possibilidades tanto dos alunos quanto dos professores, mas exige mudanças, sobretudo de infraestrutura e de formação de professores. No que tange, especificamente a Sala de Aula Invertida, objeto de estudo deste trabalho, Leffa, Duarte e Alda (2016) nos dizem que a SAI assenta-se num tripé que tem por base três questões fundamentais, sendo que a terceira envolve a importância do papel das TIC:

(1) o uso da pedagogia de projetos, como elemento que oferece ao professor a possibilidade de uma garantia mínima de sucesso na implementação da SAI; (2) a aprendizagem ativa, para explicar e justificar seu uso; e (3) a importância do papel das TIC, sem as quais a implementação da SAI não é possível. (LEFFA, DUARTE, ALDA, 2016, p. 17)

As TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) vêm invadindo a vida moderna. Os smartphones, tablets, notebooks, entre outros são cada vez mais frequentes no nosso dia

a dia. Dentro da sala de aula acontece o mesmo, a contemporaneidade já não permite mais que os professores sejam detentores do saber, muito menos que usem só quadro e giz. Se há anos, o aluno precisava se deslocar até a escola ou biblioteca para adquirir o conhecimento, hoje ele está a um clique e as tecnologias transformam a maneira como nos relacionamos com o mundo. As transformações sociais, a conectividade, os avanços tecnológicos já não podem ficar de fora das nossas vidas ou salas de aula.

As metodologias ativas têm como foco principal centrar na atividade e autonomia do aluno. Esse pressuposto surgiu muito antes do advento das tecnologias, com John Dewey e a Escola Nova (1969) em que havia proposta de reorganização das experiências pelo próprio aprendiz. Desse modo a educação é capaz de desenvolver a autonomia do aluno propiciando construir seu conhecimento e experiência. Assim, como também é abordada por Freire (1996) a educação se desenvolve a partir da problematização da realidade, indo além da ideia de que ensinar é meramente transferir conhecimento, mais do que isso, o uso de metodologias ativas exige do professor a criação de atividades significativas que promovam a aprendizagem dos alunos.

Tornar as aulas mais vivas e os alunos mais criativos é um dos princípios desenvolvidos pelas metodologias ativas. É importante abordar que as metodologias ativas e as ferramentas tecnológicas podem ser aliadas, mas não estão atreladas e é possível que a sala de aula seja um espaço de pesquisa usando materiais simples ou sofisticados, desde que partam de situações concretas com a participação efetiva do aluno. Cada processo de aprendizagem é único, pois as pessoas aprendem de maneiras diferentes. Inserir as tecnologias digitais, por meio de metodologias ativas, de forma integrada ao currículo escolar requer uma reflexão sobre alguns componentes fundamentais desse processo e, entre eles, o papel do professor e dos estudantes (BACICH; MORAN, 2018).

Na próxima seção passaremos a falar sobre a Sala de Aula Invertida, metodologia escolhida para desenvolver este trabalho. A partir das leituras feitas, considera-se que ela seja a mais apropriada para potencializar a proposta de ensinar Libras para ouvintes mediada pelas TDIC.

Invertendo a forma de ensinar

Considerada a porta de entrada para as metodologias ativas, a SAI é uma metodologia híbrida que possibilita a mescla de locais, canais e práticas distintas. É uma modalidade “[...] *e-learning* com conteúdo e instruções sendo estudados pelos alunos de forma *on-line* e a sala de aula sendo o local para trabalhar os conteúdos já estudados de forma colaborativa” (LOVATO; MICHELOTTI; SILVA; LORETTO, 2018, p. 165). Convencionalmente, em aula, os professores explicam conteúdo, os alunos recebem informação e logo após podem aprofundar através de leituras e atividades propostas. Mas essas informações podem ser procuradas pelos próprios alunos, modificando desta forma, a maneira como as aulas são organizadas. Bergman e Sams (2019, p. 11) conceituam a SAI da seguinte forma: “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em aula.” Ou seja, aqueles conhecimentos prévios dos alunos, quando compartilhados com a turma, servem para

discussão e aprendizagem do grupo, que pode ser feita de maneira híbrida, usando o presencial, on-line síncrono ou assíncrono, de acordo com o tempo do aluno que tem autonomia de flexibilizar suas atividades. Além disso, é possível ainda oportunizar atividades pós-aula para que eles aprofundem ainda mais seus conhecimentos. “Aula invertida é uma estratégia ativa e um modelo híbrido que otimizam o tempo da aprendizagem e do professor” (BACICH; MORAN, 2018, p. 13).

Enviar atividades para serem feitas em casa carecem de uma análise sobre sua eficácia. Afinal, os alunos são beneficiados ou castigados por essa realização? Esta é uma reflexão necessária, pois o aprendizado só é significativo se os alunos veem nele relevância e aproveitamento. A aprendizagem invertida auxilia na resolução deste problema, ao preparar antes da aula, através de materiais disponibilizados previamente, os alunos para execução das tarefas que exigirão maior esforço e serão realizadas no espaço da sala de aula. Essa atividade “[...] prepara os alunos para aprenderem profundamente e se tornarem participantes ativos na experiência da sala de aula” (BERGMANN, 2018, p. 6).

Metodologia usada e processo de ensino

A metodologia do referido trabalho dividiu-se em duas, a Metodologia da Pesquisa, que apresenta a pesquisa-ação e seu processo investigativo tendo como agente o professor pesquisador e como fruto das indagações dele, o desenvolvimento de um produto educacional autoral e a Metodologia da Intervenção, que apresentou os questionários de acesso e do projeto piloto que buscou experienciar atividades significativas aos alunos através das metodologias ativas e TDIC. O projeto passou pelo comitê de ética da Plataforma Brasil.

O processo de ensino que usou as referidas metodologias contou com uma coleta de dados, feita já em contexto pandêmico, por isso, optou-se pela modalidade *on-line*, através do Google Formulários. Nesta coleta, além da consulta sobre o acesso às TDIC, buscou-se também ativar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a Libras e ferramentas utilizadas para trabalhar seu desenvolvimento.

A partir dessas informações, foi elaborado um projeto piloto em forma de sequência didática, com o intuito de suprir as lacunas evidenciadas na atividade diagnóstica. A análise da aplicação da atividade, feita pela professora, em conjunto com a análise dos alunos, considerou os resultados positivos, pois além do desenvolvimento total da sequência proposta, houve uma participação ativa dos alunos, que buscaram seus próprios conhecimentos através do uso das TDIC, como proposto a partir da metodologia da Sala de Aula Invertida. E convergindo com as ideias de Freire (1996), partindo-se do concreto, foi possível despertar a curiosidade dos alunos que ao se apropriarem da realidade, foram capazes de questioná-la.

A conclusão do trabalho aconteceu com a elaboração de um produto pedagógico autoral multimodal com vistas a desenvolver a fluência dos alunos que já possuíam conhecimentos básicos do vocabulário de Libras, fazendo uso das expressões faciais e corporais e conhecendo aspectos gramaticais da língua que corroboram com o desenvolvimento da fluência. O Produto Pedagógico citado foi elaborado de forma *on-line* e dividido em momentos síncronos e assíncronos, culminando em um vídeo apresentado pelos alunos. A seguir, há uma seção dedicada ao olhar dos alunos que passaram pela experiência.

Além da sala de aula – Olhar dos alunos sobre a aprendizagem de Libras por ouvintes, através da SAI

Como abordado anteriormente na Introdução deste trabalho, o presente artigo apresenta um recorte da dissertação da autora que foca, especificamente, no olhar dos alunos sobre a experiência da aprendizagem de Libras para ouvintes por meio da Sala de Aula Invertida, potencializada pelas tecnologias digitais.

O trabalho do professor é investigativo, cheio de novos percursos e desafios diários. A investigação da própria prática é rotineira e tem como foco principal, melhorá-la. Tripp (2005, p. 445) ensina que a “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores [...]”.

Assim, para aplicar a pesquisa-ação é preciso que o professor, que toma a frente como investigador, faça o diagnóstico de um problema a ser solucionado, logo, apresente uma estratégia que lhe possibilite a melhora ou solução desse problema e ainda gere uma reflexão a esse respeito. Com as inquietações sobre como ensinar Libras como L2 para ouvintes de maneira que os alunos tenham maior autonomia e fluência, é possível tomar a frente de professora-pesquisadora que vê uma lacuna na aprendizagem e na oferta de materiais e metodologias adequadas para esse ensino específico.

Esta pesquisa-ação, de caráter exploratório, que buscou anteriormente pressupostos bibliográficos e experiências que pudessem demonstrar sua relevância e que, conforme Gil (2008, p. 41) “[...] tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições [...]” logo assume uma natureza qualitativa, considerando o estudo amplo do objeto de pesquisa (a aquisição de L2) e as características e influências sociais.

Os cinco sujeitos participantes da pesquisa são alunos do segundo ano do Curso Normal – Nível Médio, da rede pública estadual, do município de Santana do Livramento, de classe-média baixa, com idades entre 16 e 17 anos.

Para verificar o olhar dos sujeitos referente à experiência com a SAI e TDIC na aprendizagem de Libras foi aplicado um questionário, via Google Formulário, com cinco questões sobre o objeto de estudo.

Apresenta-se, a seguir, as impressões dos alunos sobre a utilização da SAI, potencializada pelas TDIC, na aula de Libras como L2 para ouvintes. Salientamos que trataremos dos sujeitos desta pesquisa como estudantes a partir da sigla E (Estudante) e o número relativo ao quantitativo da amostra (E1, E2, ...) na intenção de preservar o anonimato. Para a possibilidade de discutir cada ponto, apresentaremos abaixo as cinco perguntas feitas aos discentes e em seguida uma breve discussão acerca de suas considerações e opiniões.

* Considerando o uso da Sala de Aula Invertida, é possível dizer que a experiência foi positiva ou negativa? Por quê?

* A experiência híbrida de aprendizagem contribui ou atrapalha? Por quê?

* O uso de vídeos (gravados ou pelo Meet) foi uma experiência boa ou ruim na sua opinião? Justifique.

* Você considera que o uso das tecnologias facilita o processo de aprendizagem? De que maneira?

* Conte brevemente a respeito da sua experiência de participar deste projeto que junta ensino híbrido, tecnologias digitais e Libras. Como foi a experiência?

No que diz respeito aos dois primeiros questionamentos, os alunos consideraram a experiência positiva tanto pelo acesso que tiveram aos materiais, quanto pela aprendizagem que consideraram ter adquirido. Essa mistura, esse hibridismo ofertado atualmente, com os recursos tecnológicos disponíveis torna a inversão da sala de aula um processo simples, se bem compreendido por alunos e professores. Novas tecnologias implicam em novas formas de aprendizagem, a desconstrução do tradicional é uma delas. É fundamental que educadores saibam explorar os recursos tecnológicos para que se crie um ambiente propício à aprendizagem. “Quanto mais tecnologias avançadas, mais a educação precisa de pessoas humanas, evoluídas, éticas.” (MORAN, 2015, p.167).

O uso da Sala de aula Invertida gera maior aproveitamento das aulas, o que acaba desenvolvendo mais a aprendizagem. (E3)

Positiva, porque com o material didático já conseguimos ver as atividades, depois era só confirmar com a professora e tirar as dúvidas em aula. (E4)

Eu tenho preferência por aprender presencialmente. Mas as aulas híbridas facilitam o acesso de muitas pessoas que às vezes não conseguem comparecer presencialmente. (E3)

Prefiro quando a aula é presencial, olhando para a professora é mais fácil. (E5)

Uma educação híbrida mistura mais do que espaços, atividades, metodologias e públicos. A educação híbrida é complexa, pois somos todos ao mesmo tempo alunos e mestres daquilo que nos dispusemos a aprender e ensinar.

A mistura mais complexa é integrar o que vale a pena aprender, para que e como fazê-lo. O que vale a pena? Que conteúdos, competências e valores escolher em uma sociedade tão multicultural? O que faz sentido aprender em um mundo tão heterogêneo e mutante? [...] Podemos ensinar de verdade se não praticamos o que ensinamos? (MORAN, 2015, p. 27).

Este questionamento específico nos leva a uma reflexão daquilo que estamos fazendo em sala de aula. Ainda é preciso criar em nossos alunos e em nós mesmos a cultura do hibridismo como forma de desenvolvimento, aceleração de aprendizagens e deixar de lado, sem medo o tradicional. A partir dos depoimentos acima fica visível que a Sala de Aula Invertida é uma metodologia de grande valia nas aulas de Libras, por levar em consideração os diferentes espaços (virtual e presencial). Porém, o olhar do estudante E5 nos mostra que o ensino no espaço presencial ainda parece ser melhor pela possibilidade de olhar presencialmente para a professora.

No que tange ao terceiro questionamento, relacionado ao uso de vídeos durante a SAI, os alunos demonstraram um olhar positivo, uma vez que os vídeos parecem ter colaborado com a aprendizagem visual dos alunos. Como sabemos, a Língua Brasileira de Sinais é de modalidade visuoespacial, ou seja, utiliza visão e espaço para se manifestar. A partir desta perspectiva, foi ofertada aos alunos a possibilidade não só de acesso ao material em vídeo, mas também a possibilidade de se auto-observar enquanto produz seu discurso em Libras. O uso de vídeos capta diferentes parâmetros que compõe os sinais (LEBEDEFF; FACCHINELLO, 2018), oportunidade esta que não é observada em materiais somente imagéticos e nem mesmo nas aulas presenciais,

onde os alunos não têm a experiência contínua da auto-observação, apesar de algumas atividades proporcionarem a experiência de visualização própria ou de outrem.

Os **vídeos mostram** como estamos conseguindo fazer os sinais corretamente. (E1)

Boa, podemos **ver como estamos nos expressando**. (E2)

No começo é um pouco ruim, porque a gente não tá acostumado a se ver fazendo em Libras, mas depois é bom, **a gente aprende enquanto vê**. (E3)

O uso do vídeo citado no questionamento considera os vídeos ofertados aos alunos e também aqueles produzidos por eles, para que eles não encarem o momento de assistir ao vídeo apenas como o momento do “não ter aula”. Neste momento é que ele se torna partícipe do aprendizado. Diante das respostas recebidas através do formulário, considerou-se que o objetivo do uso do vídeo proposto durante as aulas foi alcançado, pois se evidenciou uma reflexão acerca do desenvolvimento das habilidades ligadas à língua.

Seguindo a sequência dos questionamentos ligados à tecnologia e seu uso durante a aprendizagem, chega-se a quarta questão.

Ao visualizar algumas respostas simplistas dos alunos, abriu-se uma reflexão, se realmente a tecnologia por si só facilita a aprendizagem, pois até mesmo o melhor dos recursos deve ser gerenciado para obter um bom resultado. A capacidade de utilização da tecnologia a favor da aprendizagem provém da maturidade e conhecimento do aluno, uma vez que ele próprio terá sua autonomia para acessar aquilo que lhe parecer mais importante.

De maneira geral, as respostas abaixo mostram que as tecnologias facilitam o aprendizado e são ferramentas fundamentais quando fazemos usos de metodologias híbridas. Este argumento encontra respaldo nas palavras de Leffa, Duarte e Alda (2016) que mostram a importante e necessária função das TDIC no momento de implementação da SAI.

Facilita, por conta de ter diversos auxílios através da internet. (E3)

Facilitam porque os jovens gostam do que é tecnológico. (E4)

Depende, porque se a gente se distrai com outras coisas que não tem nada a ver com a aula, mas **se a gente fica focado e sabe o que tem que usar, aí fica fácil**. (E5)

Compreende-se, assim, que se podem ofertar distintas formas de aprendizagem e recursos aos alunos, mas que devido ao fato de dar a eles também a autonomia da aprendizagem, a obtenção dos retornos será heterogênea, como é possível observar na quinta e última questão.

Por ter a oportunidade de comunicação ao vivo, foi algo ótimo de realizar. O **que resultou em empolgação por descobertas de novos sinais, expressões** e explicações dos tipos de sinais. (E1)

A experiência foi positiva, **descobrimos coisas novas, usamos jogos e foi divertido**, acho que todas as aulas precisavam usar esses métodos. (E2)

Gostei, achei bem interessante. (E3)

De acordo com a experiência apresentada pelos alunos, foi possível observar que até mesmo a autonomia funciona de distintas formas. Aqueles alunos que se detêm à respostas como um “gostei”, curtas, por vezes até incompletas, demonstram que experienciaram de forma menos aprofundada a aprendizagem. Enquanto outros alunos conseguem evidenciar um melhor aprofundamento em seus discursos sobre a experiência da aprendizagem de Libras através da SAI mediado pelas Tecnologias.

O acesso às tecnologias digitais, aliado às competências digitais e tecnológicas também colaboram de forma positiva e motivadora, visto que atualmente já não é mais possível educar alunos do século XXI sem estar conectado. As tecnologias digitais tendem a facilitar a aprendizagem em que o ensino deixa de estar centralizado no professor. Os conhecimentos tecnológicos são tão importantes que de acordo com Bacich e Moran (2018 p. 11) “Um aluno não conectado e sem domínio digital perde chances de se informar, acessar materiais ricos [...] publicar suas ideias [...]”. A combinação de metodologias ativas e tecnologias é uma inovação pedagógica que amplia possibilidades tanto dos alunos quanto os professores, mas exige mudanças, sobretudo de infraestrutura e de formação de professores.

Tornar as aulas mais vivas e os alunos mais criativos é um dos princípios desenvolvidos pelas metodologias ativas. É importante abordar que as metodologias ativas e as ferramentas tecnológicas podem ser aliadas, mas não estão atreladas e é possível que a sala de aula seja um espaço de pesquisa usando materiais simples ou sofisticados, desde que partam de situações concretas com a participação efetiva do aluno. Cada processo de aprendizagem é único, pois as pessoas aprendem de maneiras diferentes.

Os estudantes do século XXI têm o conhecimento a um clique, mas é preciso que o professor observe de que maneira esses conhecimentos podem ser sistematizados e internalizados de forma efetiva, centrando no sujeito que aprende as novas competências e de que forma pode torná-las ativas.

Considerações finais

Oportunizou-se para uma turma de terceiro ano do Curso Normal – nível médio – de uma escola pública a aplicação de uma sequência didática autoral e multimodal² para o ensino de Libras para ouvintes. Como citada anteriormente, a metodologia escolhida foi a SAI, aplicada em contexto de ensino híbrido, em que as aulas presenciais já haviam retornado, após longo período pandêmico, mas continuaram mesclando atividades presenciais e on-line. Procurou-se por meio desta pesquisa desenvolver a autonomia dos alunos, aprimorar as aptidões de vocabulário já adquiridas por eles e fomentar o auto senso crítico.

O uso da metodologia da SAI, potencializado pelas TDIC apresentou vantagens quanto ao dinamismo e aproveitamento do tempo, organização dos alunos quanto à sua própria disponibilidade e interesse/curiosidade em aprender sobre o tema, o que leva ao desenvolvimento da autonomia.

Houve uma experiência significativa no que tange ao uso das TDIC para desenvolvimento da autonomia dos alunos. Pois através do material e metodologia implementada, eles tiveram acesso

² PROJETO PRODUTO (unipampa.edu.br)

a distintas formas de visualizar o conteúdo e atividades propostas, mas a utilização do vídeo (tanto produzido pela docente, quanto deles mesmos) se mostrou muito eficaz. Os alunos com maior acesso à rede e ferramentas digitais tiveram um maior desenvolvimento da sua autonomia, por criarem para isso, condições mais favoráveis. Estes mesmos alunos, demonstraram mais tempo livre para empregarem aos estudos o que refletiu no seu engajamento e desenvolvimento das atividades propostas.

Em síntese, espera-se que essas reflexões e observações realizadas pela docente possam não apenas contribuir com a continuidade da aprendizagem de Libras por ouvintes, como também incentivar mais profissionais/pesquisadores a buscarem ferramentas e metodologias significativas para seus alunos, que aprimorem as práticas de sala de aula e possam contribuir para uma educação mais sólida. Que esta pesquisa sirva também como ponto de partida para outras, mostrando que nenhum estudo está acabado, encerrado. Que a prática de ser docente é um ciclo de aprender e ensinar constante.

Referências

AIUB. Tânia (org.) **Português: práticas de leitura e escrita**. Porto Alegre, RS: Penso, 2015. 184p.

BACICH, Lilian; MORAN, José. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre, RS: Penso, 2018. 238 p.

BACICH, Lilian; TANZI, Neto Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Org.). **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre, RS: Penso, 2015. 270 p.

BERGMANN, Jonathan. **Aprendizagem invertida: para resolver o problema do dever de casa**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: Uma metodologia ativa de aprendizagem**. Traduzido por Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Decreto 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 11 de jun. 2020.

BRASIL. **Lei 10.436 de 22 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [97 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 11 de jun.2020.

BRASIL. **Lei 12.319 de 01 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 11 de jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998c.

DEBALD, B. S.; GOLFETO, N. V. Aprendizagem ativa e sala de aula invertida: formação docente para atuação em novos cenários. In: **Simpósio Internacional sobre o desenvolvimento profissional docente**, 2, 2015, Curitiba. Anais [...] Curitiba: UTFPR, 2015a.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Nacional. 1959a.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em LIBRAS como L2**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

GESSER, Audrei. **O Ouvinte e a Surdez: Sobre Ensinar e Aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; FACCHINELLO, Bruna. Vamos fazer um filme?! Uma experiência de Ensino de Línguas Baseado em Tarefas para aprender Libras. **ReVEL**, edição especial n. 15, p. 274-289, 2018.

LEBEDEFF; SANTOS. **Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/CDQbLPMwPckJ8ck5frZN5nJ/?lang=pt> Acesso em 20 jul. 2021.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; SANTOS, Angela Nediane dos. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, p. 1073-1094, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 8 dez 2020.

LEFFA, Wilson J.; DUARTE, G. B.; ALDA, L. S. A sala de aula invertida: o que é e como se faz. In: JORDÃO, Clarissa Menezes. (Org.) **A linguística aplicada no brasil: rumos e passagens**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, v. 1, p. 365-386.

LOVATO, F.L.; MICHELOTTI, A.; SILVA, C.B.; LORETTO, E.L.S. Metodologias Ativas de Aprendizagem: Uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, mar./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/3690> Acesso em: 20 out. 2020.

MORÁN, J. M. **O vídeo na sala de aula. Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 2, p. 27-35, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i2p27-35. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>. Acesso em: 3 dez. 2021.

MORÁN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergência Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. P. 15-33. 2018. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em 17/04/2017.

MORÁN, J. M. **Educação Híbrida**: Um conceito chave para a educação, hoje. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. 2011. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2011. Acesso em: 19 mar. 2020.

SILVA, Roseli Reis da. **O ensino da LIBRAS para ouvintes**: análise comparativa de três materiais didáticos. In: ALBRES, Neiva de Aquino (org.). LIBRAS em estudo: ensino-aprendizagem. São Paulo: FENEIS, 2012.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças**. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005b.

STROBEL, Karin L. Historicismo: **O conflito do Congresso de Milão**. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em 16 jul. 2021.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.